

# Olavo Bilac – O Pássaro Cativo

Armas, num galho de árvore, o alçapão;  
E, em breve, uma avezinha descuidada,  
Batendo as asas cai na escravidão.

Dás-lhe então, por esplêndida morada,  
A gaiola dourada;  
Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e tudo:  
Porque é que, tendo tudo, há de ficar  
O passarinho mudo,  
Arrepiado e triste, sem cantar?

É que, crença, os pássaros não falam.  
Só gorjeando a sua dor exalam,  
Sem que os homens os possam entender;  
Se os pássaros falassem,  
Talvez os teus ouvidos escutassem  
Este cativo pássaro dizer:

“Não quero o teu alpiste!  
Gosto mais do alimento que procuro  
Na mata livre em que a voar me viste;  
Tenho água fresca num recanto escuro  
Da selva em que nasci;  
Da mata entre os verdores,  
Tenho frutos e flores,  
Sem precisar de ti!  
Não quero a tua esplêndida gaiola!  
Pois nenhuma riqueza me consola  
De haver perdido aquilo que perdi...  
Prefiro o ninho humilde, construído  
De folhas secas, plácido, e escondido  
Entre os galhos das árvores amigas...  
Solta-me ao vento e ao sol!

Com que direito à escravidão me obrigas?  
Quero saudar as pompas do arrebol!

Quero, ao cair da tarde,  
Entoar minhas tristíssimas cantigas!  
Por que me prendes? Solta-me covarde!  
Deus me deu por gaiola a imensidade:  
Não me roubes a minha liberdade...  
Quero voar! voar!..."

Estas cousas o pássaro diria,  
Se pudesse falar.  
E a tua alma, criança, tremeria,  
Vendo tanta aflição:  
E a tua mão tremendo, lhe abriria  
A porta da prisão...

**Olavo Bilac – Poesias Infantis**